

- MOULE, Charles D. F. *As origens do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- NORDEN, Eduard. *Agnostos Theos: Untersuchungen Zur Formengeschichte religioser*. Leipzig: Verlag B. G. Teubner, 1913.
- PEPPARD, Michael. 'Poetry', 'Hymns' and 'Traditional Material' in *New Testament Epistles or How to Do Things with Indentations*. *Journal for the Study of the New Testament*, 30(3):319-342, 2008.
- PLÍNIO, O JOVEM. *Complete letters / Pliny the younger; translated with an introduction and notes by P. G. Walsh*. New York, Oxford University Press Inc, 2006.
- REUMANN, John H. P. *Philippians 3:20-21 - A Hymnic Fragment?* NTS 30:593-609, 1984.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento. Manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- STAUFFER, Ethelbert. *New Testament Theology*. New York: The MacMillan Company, 1956.
- STREETT, Alan. *Songs of resistance: Challenging Caesar and Empire*. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2022.
- WEISS, Johannes. *Beiträge zur paulinischen Rhetorik*. In: *Theologische Studien: Bernhard Weiss zu seinem 70 Geburtstag*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1897
- WU, Julie, L. & PEARSON, Sharon C. *Hymns, Songs*. In: MARTIN, Ralph P. & DAVIDS, Peter H. (editores). *Dictionary of the later New Testament and its developments*. Leicester: InterVarsity Press, 1997.

## **As moradas na casa do Pai: Compreendendo monai em João 14**

*Cássio Campos Neves<sup>24</sup>*

**Resumo:** Este artigo aborda o significado das  *muitas moradas na casa do Pai* anunciadas por Jesus em João 14.1-4. O trabalho apresenta uma análise do contexto histórico, literário e canônico, um estudo textual e uma aplicação teológica da passagem. O pressuposto básico é que as moradas na casa do Pai são tanto uma referência ao lar celestial aguardado, quanto o gozo imediato que contempla a presença do Pai pela fé. Jesus foi à cruz e levou consigo todos os crentes, tornando-se verdadeiro templo espiritual, no qual nos abrigamos e adoramos a Deus.

**Palavras Chave:** Moradas. Casa do Pai. Monai. Vinda de Cristo.

**Abstract:** This article addresses the significance of the many dwelling-places in the Father's house announced by Jesus in John 14:1-4. It presents an analysis of the historical, literary, and canonical context, a textual study, and a theological application of the passage. The basic assumption is that dwelling-places in the Father's house are both a reference to the awaited heavenly home and the immediate enjoyment that contemplates the Father's presence by faith in Him. When Jesus went to the Cross he took all believers with Him, becoming a true spiritual Temple, in which believers shelter and worship God.

**Keywords:** Dwelling-places. Father's house. Monai. Coming of Christ.

### **INTRODUÇÃO**

O texto de João 14.1-4 aparenta ser de fácil interpretação, mas à medida que se entra em seus pormenores se revela desafiador. O texto esconde detalhes ricos e de suma importância para o coração da igreja. Os discípulos viviam um momento de tensão onde precisavam tramitar entre a empolgação de andar com o mestre e a angústia de uma perseguição latente, mas também já bem presente. Além do mais, o mestre começava a prepará-los para algo que ainda era inimaginável – sua própria morte.

---

<sup>24</sup> Pós-graduado em teologia do Novo Testamento pela Unifil e pelo Seminário Teológico Jonathan Edwards (Caruaru/PE). Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista Fluminense (Campos dos Goytacazes/RJ). Adaptação curricular pelo Seminário Teológico Presbiteriano RDNE (Belo Horizonte/MG). Convalidação do Curso de Teologia pela FACETEN (Boa Vista/RO). Professor no Seminário Teológico Presbiteriano RDNE. Pastor da 4ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte desde 2002. Endereço eletrônico: [revcassio@gmail.com](mailto:revcassio@gmail.com)

Por sua vez, o Senhor vivia uma situação mais inquietante ainda. Sua própria morte estava chegando, mas os seus amigos não podiam visualizá-la, portanto, não podiam ser o apoio e conforto necessários. Pelo contrário, ele precisava se fortalecer e ser o conforto que os discípulos iriam demandar. Como eles poderiam entender a situação? O Filho de Deus estava entre eles, era inimaginável a possibilidade de perdê-lo para a morte.

Para confortá-los, Jesus inicia um discurso de despedida, no qual ele afirma o caráter solitário daquele momento de sua vida: “para onde vou, não me podes seguir agora” (João 13.36). Realmente, eles não podiam entender. Esta foi a razão de Pedro responder rapidamente: “Senhor, por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida” (Jo 13.37). Jesus apenas reitera o seu caminho solitário enfatizando que Pedro não poderia segui-lo naquele momento específico, mas certamente o faria depois.

O caminho da cruz era solitário, eles não podiam segui-lo naquele momento. Mas, era necessário e glorioso. Seria lá, na cruz, que os discípulos finalmente se achegariam à presença do Pai através do Filho crucificado e ressurreto, ainda que eles não pudessem entendê-lo naquele momento. É exatamente neste contexto que o Senhor Jesus profere estas palavras:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também. E vós sabeis o caminho para onde eu vou (João 14.1-4).

Historicamente, comentaristas e pregadores têm apontado a interpretação deste texto para uma realidade futura (SANTOS, 2011, p.50). A passagem estaria falando do retorno do Senhor Jesus na sua segunda vinda e descrevia as *moradas celestiais* para onde os crentes iriam após a consumação de todas as coisas. A principal questão seria então compreender como uma promessa futura poderia confortar os discípulos para algo tão presente. Se Jesus estava tentando preparar os discípulos para a sua morte, como uma promessa sobre um futuro tão distante poderia ser este o conforto necessário?

Este trabalho, portanto, se concentrará em definir o significado das *muitas moradas na casa do Pai* anunciadas por Jesus e como este conceito confortou os discípulos naquele momento de suas vidas e como poderá nos confortar até hoje. Para isto, será realizada uma análise do contexto histórico, literário e canônico da passagem, um estudo textual e uma aplicação teológica da passagem. O objetivo final será responder à questão: João 14.1-4 está falando das *moradas celestiais* para onde os crentes serão

levados na consumação dos tempos, após a segunda vinda do Senhor? Ou estas *moradas* têm um significado mais abrangente? Se tem, qual é?

## **1. O CONTEXTO DA PASSAGEM**

O significado de uma passagem bíblica não pode ser aferido sem a consideração de seu contexto. Aqui, vamos considerar os contextos histórico, literário e canônico da passagem para que possamos ter uma visão mais ampla (e o mais precisa possível) daquilo que o Senhor estava comunicando aos seus discípulos.

### **1.1 Contexto histórico**

É importante iniciar o estudo da passagem olhando para seu contexto histórico imediato. Ela está inserida no discurso de despedida de Jesus aos seus discípulos (SEGOVIA, 1985, p.471) e precisa ser entendida dentro deste arcabouço.

Jesus descreve suas futuras relações com seus discípulos como uma vida comum numa casa de muitas moradas. Duas possíveis circunstâncias podem ter influenciado a Jesus na consideração do tema. Primeiro, a proximidade do templo é uma considerável influência. No capítulo 2.16 o templo é chamado de “casa do Pai”. O templo tinha uma importância considerável no ministério de Jesus. A sua entrada messiânica em Jerusalém leva diretamente à sua entrada no templo e à purificação que fez nele (BROWN, 1983, p.551), como relatada pelos sinóticos.

O interesse de Jesus no templo não pode ser reduzido à presença de judeus naquele lugar. Jesus estava claramente tentando “restaurar a função verdadeira do templo como casa de oração e lugar onde Deus seria conhecido” (BROWN, 1983, p.552). O templo é, sem dúvida, um fator de suma importância na compreensão desta passagem.

Outro fator importante ainda a ser considerado na proximidade geográfica que tinham do templo era a própria estrutura secundária em torno dele. William Hull destaca em seu comentário da passagem que “fora do santuário (grego naos) propriamente dito havia muitos abrigos, onde os cansados peregrinos podiam descansar” (HULL, 1983, p.385). É plausível imaginar que Jesus tenha feito alusão a esta situação familiar quando afirma que prepararia, para os seus discípulos, um lugar (topos), um termo comum para o templo (Jo 11:48).

Uma segunda influência, e não necessariamente excludente, pode ser percebida no relato dos sinóticos, quando Jesus enviou dois dos seus discípulos, no dia anterior, para

“prepararem” um “lugar especial” (Lc 22.7-13) onde pudessem comer a páscoa. Este episódio serve como analogia para ilustrar o relacionamento dos discípulos com Jesus, após a sua partida. Seria semelhante à profunda comunhão que tiveram naquele lugar amplo de uma casa de muitos aposentos.

## 1.2 O contexto literário

Havia muitos motivos para os discípulos estarem com o coração agitado. O discurso de Jesus era perturbador. Pouco tempo antes, enquanto estavam à mesa, o próprio Jesus havia “angustiado-se em espírito” (Ἰησοῦς ἐταράχθη τῷ πνεύματι)<sup>25</sup> quando revelou que um deles o trairia. Ainda revelou que outro o negaria três vezes e estava afirmando que iria para um lugar desconhecido para onde ninguém poderia segui-lo (Jo 13.33, 36). Isto foi suficiente para deixá-los intranquilos, além de confusos.

Estes acontecimentos estão inseridos numa sequência registrada por João que aponta para a morte e ressurreição de Jesus. A sequência se inicia tendo como pano de fundo a morte e ressurreição de Lázaro no capítulo 11. João ainda registra o testemunho do sumo sacerdote acerca da necessidade da morte de Jesus compreendendo que ele estava profetizando acerca da morte do Senhor (11.47-57) e no capítulo 12 registra a unção de bálsamo de nardo feita por Maria. Neste episódio, Jesus cita sua morte aprovando o gesto de Maria como sendo uma antecipação de seu funeral, ideia ainda mais clara em Mc 14.8: “Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura”.

No versículo 13.31, João registra o início do discurso de despedida<sup>26</sup>. A perícopes de 14.1-4 está inserida dentro deste contexto imediato. Ela é uma introdução ao conforto prometido por Jesus para um período de profunda tristeza e incertezas.

O contexto se desenvolve da seguinte forma:

TEMA: A salvação é chegada - a glorificação do Filho

---

25 Jo 13.21 – Nestle GNT 1904.

26 No discurso de despedida temos alguns problemas estruturais que não serão discutidos aqui porque eles não influenciam no significado teológico do texto. Os estudiosos não estão, por exemplo, de acordo quanto ao início do discurso de despedida. Alguns pontuam o versículo 14.1 como ponto inicial e outros reportam ao 13.31 após a saída de Judas em 13.30. Outra dificuldade no discurso é estabelecer o seu final. O versículo 14.31 aponta uma interrupção com uma declaração final: “Levantem-se, vamos-nos daqui!”. Diante de muitas respostas para esta questão, a mais comum é considerar que os primeiros dois capítulos (13-14) acontecem no cenáculo e que os demais (15-17) apresentam um diálogo que ocorreu no caminho para o monte das Oliveiras, culminando com a oração sacerdotal. Carson aponta duas possibilidades de interpretação para esta situação. Primeiro, ele vê como bem possível que Jesus e seus discípulos nem tenham saído do lugar até o fim do capítulo 18. Segundo, ele vê como plausível imaginar Jesus e seus discípulos saindo no ponto de 14.31 e continuando a conversa pelas ruas estreitas da cidade velha (CARSON, 2007, p.479). A ideia é também corroborada por Bruce (BRUCE, 1987, p. 251).

- O pano de fundo
  - A morte e ressurreição de Lázaro – 11.1-46.
  - O testemunho do sumo sacerdote – 11.47-57.
  - Jesus chega em Betânia seis dias antes da páscoa – 12.1-11.
  - Entrada triunfal em Jerusalém – 12.12-19.
- Anúncio da glorificação do Filho
  - Estava próximo a hora da morte, ressurreição e ascensão de Jesus – 12.20-36.
  - Reações ao anúncio (a incredulidade dos judeus) – 12.37-43.
  - Resposta de Jesus à incredulidade - esclarecimento quanto ao seu objetivo salvífico – 12.44-50.
  - Jesus lava os pés dos discípulos – 13.1-20.
  - O traidor é indicado – 13.21-26.
    - Os discípulos estavam angustiados e o próprio Jesus mostrou-se angustiado – 13.21.
    - A ação do traidor é acelerada – 13.27-30.
- Discurso de despedida
  - Início: reafirmação da glorificação do Filho – 13.31-32.
  - Anúncio de sua “saída” para um lugar para o qual não podia ser seguido – 13.33.
  - Recomendação de permanência no amor durante a sua ausência como sinal de autenticidade como discípulos – 13.34-35.
  - Questionamento de Simão Pedro sobre o lugar para onde Jesus estava indo – 13.36a.
  - Resposta de Jesus esclarecendo a impossibilidade de ser seguido naquele momento – 13.36b.
  - Contra argumento de Pedro questionando a razão de não poder segui-lo – 13.37.
  - Profecia de Jesus acerca da tripla negação de Pedro – 13.38.
  - O conforto de Cristo.
    - A casa do Pai – 14.1-4
    - O caminho para o pai – 14.5-7.
    - A revelação do Pai no Filho – 14.8-11.

- O compromisso do Pai em atender as orações – 14.12-15.
- A vinda do Espírito Santo após partida de Jesus
  - A promessa do consolador – 14.15-17.
  - A promessa de reaparecimento e distinção de visão entre o mundo e a igreja – 14.18-21.
  - A morada divina no crente – 14.22-24.
  - O ensino reconfortante do Espírito – 14.25-26.
  - A paz de Cristo que verdadeiramente conforta – 14.27-31.
- Recomendações quanto às perseguições após sua morte:
  - Que permanecessem em Cristo – 15.1-11.
  - Que se amassem como Jesus os amava – 15.12-27.
  - Que confiassem na obra do Consolador – 16.1-16.
- Esclarecimento quanto ao reaparecimento e o significado de “um pouco” – 16.18-24.
- Jesus fala abertamente sobre sua morte e faz promessa de vitória completa – 16.25-33.
- A oração sacerdotal – 17.1-26.
- A glorificação
  - Os eventos finais da morte e ressurreição (a paixão e o triunfo) – 18.1-20.29.

### 1.3 O contexto canônico

O conforto apresentado na perícopes não está isolado no discurso de despedida. O contexto imediato apontou para o fato de Jesus estar preparando seus discípulos para um momento difícil no qual a sua presença física não seria mais uma realidade. Ele estava preparando o coração dos discípulos para a sua iminente morte. Jesus estava preocupado com a interpretação que os discípulos dariam para o evento que estava por acontecer. Ele os adverte que o momento estava por chegar, por um pouco, ele ainda estaria com eles (13.33).

A preocupação de Simão era saber para onde ele estava indo: “Senhor para onde vais?” Diante do questionamento rápido, a resposta foi imediata: “para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás” (13.36). Jesus anuncia que estava indo para um lugar onde nenhum deles poderia segui-lo. Mas, não deveriam ficar

preocupados, pois ele lhes deixaria o Espírito da verdade que iria desfazer toda dúvida e preparar um caminho de vitória.

Mais tarde, no versículo 17.24, na oração sacerdotal, Jesus pede ao Pai que conduza seus discípulos para onde ele estava<sup>27</sup>. Em Hb 6.18-20 o escritor bíblico afirma que Jesus, como precursor, entrou no refúgio da promessa tendo se tornado sumo sacerdote, fazendo referência a um lugar conquistado através de sua morte<sup>28</sup>. Em Hb 9.23-26, o autor amplia a compreensão do conceito estabelecido afirmando que Jesus entrou num santuário verdadeiro, no céu, para comparecer, por nós, diante de Deus<sup>29</sup>. Este lugar sempre foi almejado pelos pais da fé que viveram como peregrinos nesta terra, buscando “uma pátria superior, isto é, celestial” e receberam, como resposta, uma cidade preparada para eles (Hb 11.16).

## 2. ESTUDO TEXTUAL

Nosso trabalho agora, uma vez considerado o contexto em que esta passagem está inserida, é fazer um estudo textual que vai cuidar da tradução (considerando as dificuldades mais relevantes que o texto apresenta), estruturar um esboço mecânico da passagem, fazer as considerações e comentários sobre cada versículo e apresentar a mensagem da perícopes aos seus ouvintes iniciais e aos nossos corações hoje.

### 2.1 Tradução do texto

14.1 Μὴ ταρασσέσθω ὑμῶν ἡ καρδιά· πιστεύετε εἰς τὸν θεόν, καὶ εἰς ἐμὲ πιστεύετε. <sup>2</sup>ἐν τῇ οἰκίᾳ τοῦ πατρὸς μου μοναὶ πολλαὶ εἰσίν· εἰ δὲ μὴ, εἶπον ἂν ὑμῖν ὅτι πορεύομαι ἐτοιμάσαι τόπον ὑμῖν; <sup>3</sup>καὶ ἐὰν πορευθῶ καὶ ἐτοιμάσω τόπον ὑμῖν, πάλιν ἔρχομαι καὶ παραλήμψομαι ὑμᾶς πρὸς ἐμαυτόν, ἵνα ὅπου εἰμί ἐγὼ καὶ ὑμεῖς ἦτε. <sup>4</sup>καὶ ὅπου ἐγὼ ὑπάγω οἴδατε τὴν ὁδόν.<sup>30</sup>

27 João 17.24 – “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo”.

28 Hb 6.18-20 – “Para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma segura e firme e que penetra além do véu, onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque.”

29 Hb 9.23-26 – “Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores. Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus; nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio. Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado”.

30 Texto em HOLMES, 2011-2013, Jo 14.1-4.



### 2.1.1 Tradução literal

<sup>1</sup> Não agite<sup>31</sup> vosso<sup>32</sup> coração, vós credes<sup>33</sup> em Deus, também<sup>34</sup> em<sup>35</sup> mim<sup>36</sup> crede<sup>37</sup>.

<sup>2</sup> Em a casa de<sup>38</sup> pai meu, moradas<sup>39</sup> muitas têm. Se por outro lado<sup>40</sup> não, eu teria dito<sup>41</sup> então para vós<sup>42</sup> que eu vou embora<sup>43</sup> preparar<sup>44</sup> um lugar<sup>45</sup> para vós<sup>46</sup>?

---

31 O verbo *ταρασέσθω* tem o sentido de “colocar em movimento o que precisa permanecer imóvel”. João usa a mesma palavra em 12.27 ao registrar o testemunho de Jesus acerca da condição de sua alma nos momentos que estavam antecedendo “a hora de ser glorificado o Filho do homem” (Jo 12.23) – se referindo à sua morte (STRONG’s, 2022, 5015).

32 Pronome pessoal, segunda pessoa do plural, genitivo. Para Rega e Bergmann, o pronome pessoal genitivo deve ser traduzido sem o “de” característico da tradução dos genitivos (REGA, BERGMANN, 2004, p.112).

33 A terminação serve tanto para a segunda pessoa do plural do presente do indicativo ativo quanto para a segunda pessoa do plural do imperativo presente ativo. Neste versículo aparece o verbo duas vezes. Todas as versões optaram por traduzir a primeira ocorrência no presente do indicativo e a segunda no imperativo afirmativo seguindo o fluxo do contexto. Esta tradução vai seguir a mesma tendência por entender que não tem a presença de nenhuma informação que desabone tal opção.

34 *καὶ* é traduzida aqui como uma partícula cumulativa (no caso: “também”). Este uso é comum e destacado por Moulton – veja textos como Mt 5.39, Jo 8.19, I Co 11.6, et al (MOULTON, 2007, p.219).

35 Preposição usada com o acusativo.

36 Pronome pessoal da primeira pessoa do acusativo – objeto direto.

37 Entendido como uso do presente do imperativo como referenciado na nota 9.

38 Genitivo - expressando posse.

39 Esta palavra só aparece 2 vezes no NT - aqui no verso 2 e seu uso singular no verso 23 deste mesmo capítulo. O uso restrito dificulta uma correlação com textos bíblicos, mas não necessariamente uma tradução exata (poder-se-ia encontrar algum tipo de dificuldade na definição das intenções exatas do escritor ao preferir esta palavra). De acordo com Collin Brown, no grego secular, *μονή* tem vários significados, tais como ‘permanência’, ‘demora’, ‘persistência’, ‘continuação’, ‘moradia’. No entanto, os significados mais próximos para as duas ocorrências, segundo Brown, são: “lugar de parada numa viagem”, “hospedaria”, “casa de vigia” ou “choupana de vigilância”. Aparentemente, a palavra remete a um tipo de estadia temporária ao longo de um percurso – essa era a interpretação oferecida por Orígenes que entendia que as referências do NT se referiam a “estadias ao longo da estrada para Deus” (BROWN, 1983, p. 537). O uso da palavra *οἰκία* anteriormente, deixa claro que a preocupação do autor não é apenas afirmar que os crentes têm “casa” (ou “mansões”) nos céus. Não faz nenhum sentido o autor mudar o termo se ele quisesse falar de casas no céu. Ele está falando de uma só casa, a “casa de Deus”. Nesta casa há muitos “quartos”, no sentido de que na “casa do Pai”, todos os crentes serão confortados e encontrarão guarita. F. Hauck interpreta o uso da palavra em Jo 14.2 (apud BROWN, loc. cit.) em contraposição com 14.23 apresentando um duplo movimento da salvação – de baixo para cima com um movimento do homem em direção a Deus e de cima para baixo num movimento oposto produzido pelo próprio Deus. A palavra um significado muito próximo de seu correlato verbal (meno). O verbo aparece 118 vezes no Novo Testamento sendo que 40 vezes no evangelho de João e 24 nas epístolas joaninas. No uso intransitivo o verbo significa “permanecer”, “ficar num lugar”, “ficar com uma pessoa”, “morar”. O uso transitivo significa “esperar por” (BROWN, 1983, p. 533).

40 *ἢ*: ainda pode ser traduzido como: “visto que, mas, e, também, ademais”.

41 Primeira pessoa do singular do segundo aoristo indicativo ativo – apresenta uma ação pontiliar, vista como um todo ou completa, no passado (REGA, BERGMANN, 2004, p. 139).

42 Pronome pessoal da 2ª pessoa do plural – dativo (objeto indireto).

43 Primeira pessoa do singular do presente do indicativo – voz média ou passiva depoente. A voz passiva é de desenvolvimento tardio e só apresenta independência no futuro e no aoristo apresentando-se sempre idêntica à voz média, usando, às vezes, “em alguns tempos as terminações que encontramos na flexão da voz ativa do verbo”. Aqui ainda se pode identificar um verbo depoente que tem forma passiva ou média

<sup>3</sup> E se eu me for<sup>47</sup> e prepare lugar para vós outra vez estou vindo e vos<sup>48</sup> tomarei<sup>49</sup> para mim mesmo<sup>50</sup> a fim de que onde estou eu mesmo também vós estejam.

<sup>4</sup> E<sup>51</sup> para onde eu mesmo vou embora<sup>52</sup> vocês têm conhecido<sup>53</sup> o caminho<sup>54</sup>.

### 2.1.2 Tradução dinâmica

<sup>1</sup> Não agite seus corações, vocês creem em Deus, creiam também em mim.

<sup>2</sup> Na casa de meu Pai tem muitas moradas. Se não fosse assim, eu teria dito a vocês que iria embora para preparar um lugar para vocês?

<sup>3</sup> E se eu for e preparar lugar para vocês, voltarei e tomarei vocês para mim mesmo, a fim de que vocês estejam no mesmo lugar que eu.

<sup>4</sup> E para onde eu vou, vocês têm conhecido o caminho.

### 2.2 Esboço mecânico do texto

- Μη ταρασέσθω ὑμῶν ἡ καρδιά·
- Não agite seus corações
- πιστεύετε εἰς τὸν θεόν,
- Vocês creem em Deus

---

com sentido ativo. Nestes casos, a forma parece não influenciar na tradução. Somente a ação exegética poderá definir o significado (TAYLOR, 1986, p. 24; 300).

44 Aoristo infinitivo ativo.

45 Acusativo – quando um substantivo indica a pessoa ou coisa que diretamente sofre a ação do verbo. É o caso do objeto direto, na tradução pode ou não levar a preposição “a”. Responde à pergunta: “Que coisa...?” ou “A quem...?” (REGA, BERGMANN, 2004, p. 70). O uso do acusativo aqui demonstra o alvo da ação do infinitivo “preparar” (TAYLOR, 1986, p. 229). “Em tais casos, o infinitivo é objeto do verbo e o acusativo do substantivo indica em referência a quem a afirmação de faz”.

46 Pronome possessivo dativo 2ª pessoa do plural.

47 Aoristo do subjuntivo passivo – primeira pessoa do singular. Numa tradução dinâmica, muitas vezes este passivo é traduzido como ativo – veja nota 19.

48 Pronome segunda pessoa do plural do acusativo.

49 Παραλήμψομαι (παραλαμβάνω) foi traduzido como “tomarei” pela ênfase da voz média usada. Primeira pessoa do singular do futuro do indicativo médio. A voz média no grego “expressa uma ação que o sujeito realiza em si mesmo, para si mesmo ou de si mesmo” – está bem próxima da voz reflexiva do português. (REGA, BERGMANN, 2004, p.30).

50 Pronome reflexivo de 1ª pessoa do acusativo.

51 O verso 4 apresenta uma variante (*RP Byzantine Majority Text 2005* - και ὅπου ἐγὼ ὑπάγω οἴδατε, και τὴν ὁδὸν οἴδατε.) A opção será pelo texto mais curto.

52 “Ir embora, estou indo” – Primeira pessoa do singular presente do indicativo ativo. No NT este verbo é sempre intransitivo e significa “ir embora, sair, partir” (MOULTON, 2007, p. 425). Não significa. No entanto, não há indicação direta de que esteja falando de um momento após a ressurreição.

53 Segunda pessoa do plural do perfeito do indicativo ativo. O tempo perfeito em grego não tem correspondência em português. Expressa um estado atual que, geralmente, é resultado de um acontecimento do passado.

54 Substantivo acusativo – objeto direto, indicando quem (ou o que) está recebendo a ação do verbo.

- καὶ εἰς ἐμὲ πιστεύετε.
- ἐν τῇ οἰκίᾳ τοῦ πατρὸς μου  
μοναὶ πολλαί εἰσιν·
  - εἰ δὲ μή, εἶπον ἂν ὑμῖν  
ὅτι πορεύομαι  
ἐτοιμάσαι τόπον ὑμῖν;
- καὶ ἐὰν πορευθῶ καὶ ἐτοιμάσω  
τόπον ὑμῖν,
  - πάλιν ἔρχομαι
  - καὶ παραλήμψομαι  
ὑμᾶς πρὸς ἐμαυτόν,
    - ἵνα ὅπου εἰμι  
ἐγὼ καὶ ὑμεῖς  
ἦτε.
- καὶ ὅπου ἐγὼ ὑπάγω
  - οἴδατε τὴν ὁδόν.
- Creiam também em  
mim
- Na casa de meu Pai tem  
muitas moradas
  - Se não fosse assim, eu  
teria dito a vocês que  
iria embora para  
preparar um lugar para  
vocês?
- E se eu for preparar um lugar  
para vocês
  - voltarei
  - e tomarei vocês para  
mim
    - a fim de que  
estejam no  
mesmo lugar  
que eu
- E para onde eu vou,
  - vocês têm conhecido o  
caminho

## 2.4 Considerações textuais

### 2.4.1 Verso 14.1

*Não agite seus corações* – Sem dúvida, haviam muitos motivos para os discípulos estarem com o coração conturbado. Um traidor já havia sido anunciado (13.10, 11, 18, 21); Jesus acabara de avisar a Pedro que ele haveria de negá-lo (13.38) e o mestre estava falando de um lugar confuso para onde ninguém poderia segui-lo de imediato (13.36).

Um cenário de pressão psicológica e emocional estava se formando<sup>55</sup>. Neste cenário, o mestre estava preparando o coração dos discípulos para os acontecimentos inevitáveis que estavam se aproximando. Mesmo sofrendo, ele mesmo, a pressão de estar se dirigindo para a agonia da cruz (12.27), Jesus continua sendo o “único que se doa, que conforta e instrui” (CARSON, 2007, p.487). As palavras de Jesus, portanto, soaram, neste contexto, como um antídoto para o desespero (HULL, 1983, p.385) que se estabeleceria. Jesus convida seus discípulos a não deixarem seus corações se agitarem.

*Vocês creem em Deus, creiam também mim*<sup>56</sup> – Não agitar o coração, no entanto, não dependia apenas de uma decisão simplesmente, precisavam alicerçar o coração na fé que possuíam em Deus e entender que esta fé devia ser transferida para Jesus. A fé em Jesus é apresentada como alicerce para um coração confiante. Eles iriam precisar de confiança para continuar a caminhada, e a fé em Cristo seria a responsável por conduzi-los no caminho que precisariam trilhar. O Senhor “aponta para si como o objeto para o qual nossa fé deve direcionar-se, e por meio do qual ela facilmente encontrará aquilo em que possa repousar” (CALVINO, 2015, p.89). Crer em Deus deve ser sinônimo de crer em Jesus.

#### 2.4.2 Verso 14.2

*Na casa de meu Pai tem muitas moradas* – Se a fé em Jesus é apresentada como base da confiante tranquilidade recomendada pelo Senhor, a “casa de meu Pai”<sup>57</sup> é o

---

55 O cenário inquietador e cheio de decepção que se instalaria, foi registrado posteriormente por Lucas ao retratar as palavras de um discípulo na estrada de Emaús: “nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já o terceiro dia desde que tais cousas sucederam” (Lc 24.21).

56 É importante relembrar que πιστεύετε foi traduzido como indicativo/imperativo (ver nota 9). Isto “faz sentido como um convite a estender o objeto de sua fé para além de Deus, como eles o conheceram no passado, isto é, estender a Jesus também.” (CARSON, 2007, p.488).

57 No Antigo Testamento o uso mais próximo da expressão “casa de meu Pai” é a “casa de Deus”. A expressão “casa de Deus” aparece no Antigo Testamento inicialmente em Gn 21.17 quando Jacó associa o nome “casa de Deus ao lugar onde estava, por ver que Deus estava ali” (SANTOS, 2011, p.53) e levanta um memorial onde a própria pedra é chamada de Betel – “casa de Deus”. Mais tarde o tabernáculo e o templo foram chamados de “casa de Deus” – tabernáculo; Jz 18.31; I Cr 6.48; 9.11 – templo; I Cr 29.7; II Cr 3.3. Outras passagens do Antigo Testamento descrevem um lugar celestial em que a habitação de Deus se fazia realidade – em I Rs 8.30, 32 Salomão faz referência a esta “habitação de Deus” e o mesmo acontece em Isaías 63.15. O único uso que se aproxima da maneira do Novo Testamento compreender a congregação como sendo a “casa de Deus” é em Nm 12.8. Mas nesta passagem, a expressão não se refere ao templo ou tabernáculo, mas, como pontua J. Goetzmann, “à terra que Javé (através do Seu povo) passou a habitar, e onde, portanto, reina” (GOETZMANN, 1981, p.366). No Novo Testamento a expressão “casa de Deus” é usada seis vezes e faz tanto referência ao templo (tabernáculo) quanto à compreensão de que a comunidade cristã é a própria casa de Deus – Em I Pe 4.17 o juízo vai começar pela “casa de Deus”; em I Tm 3.15 a “casa de Deus” é a “igreja do Deus vivo”; e em Hb 10.21, Jesus é o grande sacerdote sobre a “casa de Deus”. Em Ef 2.19-22 seis derivados de oikos são usados para descrever a realidade espiritual da comunidade fazendo uso da metáfora do templo e do edifício.

ambiente em que esta fé deverá se desenvolver. A expressão “casa de meu Pai” é usada apenas duas vezes no Novo Testamento. Jesus usa a expressão em Jo 2.16 e Jo 14.2. Na primeira ocorrência, Jesus estava se referindo ao templo, mas na sequência, ele usa o templo como metáfora do seu próprio corpo (Jo 2.18-19). O templo deixaria de existir após cumprir sua função como santuário de Deus. “O santuário de Deus (o lugar de sua habitação) na terra, em sentido real e não apenas simbólico, passou a ser a própria pessoa do Filho” (SANTOS, 2011, p.55). Este conceito é apresentado pelo próprio João quando descreve o acontecimento da encarnação – “E o verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14)<sup>58</sup>.

Ainda temos aqui o substantivo *μονή* que ocorre apenas duas vezes no Novo Testamento e ambas no capítulo 14 de João. Em Jo 14.23 o uso de *μονή* é fundamental para a compreensão do significado de “moradas” em 14.2. O uso em 14.23 é claro, Jesus está falando de uma habitação espiritual que Ele, e o Pai, farão naquele que o ama e guarda a sua palavra (SANTOS, 2011, p.58). À luz do contexto imediato, fica evidente que o Senhor está falando do Espírito Santo<sup>59</sup>. Que o assunto é o mesmo de 14.1-4 fica evidente pela expressão “não se turbe o vosso coração” usada pela segunda vez no verso 14.27. É plausível concluir, portanto, que o significado de *μονή* no verso 2 está intimamente ligado ao significado do verso 14.23 – a morada do Senhor no coração do crente.

Desta forma, as muitas moradas na casa do Pai é uma referência à ação messiânica de preparar lugar na presença do Pai. Nem “casa”, nem “moradas”, tem um significado literal como se referindo ao templo ou lugares celestiais. É, no entanto, uma referência à presença gloriosa do Pai, para onde Jesus estava preparando o caminho através da cruz. Quanto às insistentes interpretações desta perícopes como se referindo ao segundo advento, que aparece na maioria dos comentaristas<sup>60</sup>, João Alves dos Santos, conclui que é possível olhar para

algumas dessas promessas sob dois ângulos, não propriamente diferentes, mas complementares, ou seja, referindo-se tanto ao futuro próximo quanto ao distante. É o que alguns chamam de escatologia realizada e escatologia final. Quando ele diz que voltaria para receber os discípulos para si mesmo (v. 3), por exemplo, ele deveria estar falando de uma

58 Segundo João Alves, o verbo usado aqui para “habitar” (*σκηνώω*) é o que fornece a raiz para a palavra “tabernáculo” (*σκηνή* – uma habitação portátil e temporária, uma tenda) e têm correspondência semântica com *μονή*, usado neste verso (SANTOS, 2011, p.55).

59 No verso 14.16, Jesus está falando do Consolador que Ele mesmo rogaria ao Pai e este o daria (*δώσει*) aos seus discípulos.

60 Inclui-se aqui João Calvino (CALVINO, 2015); D. A. Carson (CARSON, 2007) e F. F. Bruce (BRUCE, 1987).

vinda iminente, que pode ser entendida como equivalente à prometida no verso 23. Desta forma, tanto a promessa de vir (v. 3) quanto a de não deixar os discípulos órfãos (v. 18) teriam o seu cumprimento nessa vinda de Jesus com o Pai para fazer morada naquele que é amado por eles (v. 23). É verdade que bem poucos intérpretes fazem a conexão entre esses dois textos (v. 3 e 23), ainda que tais textos sejam os únicos lugares, em todo o Novo Testamento, em que a palavra “morada” (μονή) é empregada. (SANTOS, 2011, p.67-68).

*Se não fosse assim, eu teria dito a vocês que iria embora para preparar um lugar para vocês?* – Esta composição do texto como pergunta, faz mais sentido para a estrutura geral do texto. Muitas versões fazem opção por três sentenças que, apesar de levar ao mesmo sentido, não faz jus ao peso do objetivo de Jesus. O questionamento apresentado nos conduz a entender que Jesus estava chamando a atenção dos discípulos para a seriedade do discurso. Ele invoca a confiança dos discípulos à sua autoridade e confiabilidade. Uma vez que ele chamou seus discípulos a crerem nele como criam em Deus, ele questiona: “eu estaria mentindo?” “Por que eu estaria indo embora se não fosse necessário?” Ou ainda: “Por que eu iria embora se não fosse para preparar um lugar para cada um de vocês?”

Outro ponto importância é o verbo *πορεύομαι* (ir embora, partir) que aparece duas vezes na sequência. Para compreender o significado do que está acontecendo é preciso estar atento ao significado do próprio “lugar” para onde Jesus estava “indo embora”. A maioria dos comentaristas é da opinião de que Jesus estava se referindo às moradas celestiais. É o caso de F. F. Bruce e D. A. Carson. O primeiro diz que: “...a casa (oikia) de meu Pai obviamente não é na terra; é o lar celestial para onde Jesus está indo e onde sua gente também tem um lugar prometido” (BRUCE, 1987, p.255). Carson se junta a ele afirmando que os dois versículos (Jo 14.2 e 14.3) se referem ao segundo advento de Jesus, quando ele finalmente levará seus seguidores para estarem com ele para sempre (CARSON, 2007, p.489). Assim, o “lugar” a ser preparado é uma referência às moradas celestiais onde crentes terão moradas eternas.

Por outro lado, João Alves dos Santos percebeu bem que:

Esse quadro não parece assim tão simples à luz do contexto... Se a passagem era para servir de conforto com a promessa de preparação de moradas nos céus e do retorno de Jesus para levá-los até lá, é preciso encontrar um outro sentido nessa promessa e nessa vinda (SANTOS, 2011, p.69).

Na busca de uma compreensão ampla o suficiente para abranger todo o significado da passagem, João Alves conclui que é preciso reconhecer que a ideia aqui culmina num cumprimento que se refere a “diferentes situações do relacionamento entre Jesus e seus

discípulos e não precisam ser consideradas como parte de uma mesma experiência ou de um mesmo episódio” (SANTOS, 2011, p.67). Ou seja, o texto apresenta promessas que precisam ser vistas pelos dois ângulos, não propriamente diferentes, mas complementares, que se referem tanto ao futuro próximo quanto ao distante. Neste sentido, o lugar para onde Jesus estava indo era a própria cruz.

A melhor interpretação, portanto, é perceber que as duas possibilidades de interpretação para o “lugar” com as quais nos deparamos se encontram<sup>61</sup>. Entender que Jesus estava falando da cruz e entender que ele estava falando do céu tornam-se exatamente a mesma coisa. Ele estava indo para a cruz, ali prepararia um lugar para cada discípulo na presença do Pai. Isto não seria possível sem a sua morte vicária. Uma vez inaugurado o “novo e vivo caminho” (Hb 10.20) à presença do Pai, os discípulos seriam atraídos pelo amor e perdão do Deus Trino. O autor de Hebreus vai entender que Jesus, “o grande sacerdote sobre a casa de Deus, entrou no “Santo dos Santos”, pelo seu sangue, ou seja, pela sua morte na cruz e nos concedeu um lugar ao qual podemos aproximar-nos “com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura” (Hb 10.22) e acrescenta, “guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10.23).

### 2.4.3 Verso 14.3

*E se eu for preparar um lugar para vocês –* Aqui ainda podemos entender “*e quando eu for...*”. “No contexto da teologia joanina, é o próprio ato de ir, via cruz e ressurreição, que prepara lugar para os discípulos de Jesus” (CARSON, 2007, p.490). A ida era certa, mas os discípulos não conseguiam entender o que estava por acontecer. Eles estavam confusos e em breve estariam inquietos e desamparados, mas Jesus está reiterando, “eu vou”, ou seja, ele estava dizendo que precisava ir. Mas sua ida não seria um abandono. Deus estava apenas começando o que ele realmente iria fazer na vida deles.

---

61 A mesma ideia é encontrada em João Calvino quando afirma que: “Esse lugar será preparado para o dia da ressurreição; pois inerentemente a humanidade se acha banida do reino de Deus; o Filho, porém, que é o único herdeiro do céu, tomou posse dele em nome deles, para que através dele nos seja permitido entrar; pois em sua parte já possuímos o céu pela esperança, como nos informa Paulo [Ef 1.3]. Não obstante não desfrutaremos dessa grande bênção até que ele venha do céu pela segunda vez. Portanto, a condição dos pais após a morte não é aqui distinta da nossa; porque Cristo já preparou um lugar para eles e para nós, no qual ele receberá a todos nós no último dia. Antes que a reconciliação fosse consumada, as almas crentes eram, por assim dizer, postas numa torre de vigia, aguardando a redenção prometida, e agora elas desfrutam de um bendito repouso até que a redenção seja consumada” (CALVINO, 2015, p.90).

*Voltarei e tomarei vocês para mim* – Jesus apresenta sua agenda futura. Esta é a garantia de que eles, apesar de se sentirem desamparados, não o estariam de fato. Mais uma vez, os intérpretes se encontram na mesma bifurcação neste ponto da perícopes. Calvino não tem nenhuma dúvida sobre o significado aqui:

Esse regresso não deve ser entendido como se referindo ao Espírito Santo, como se Cristo manifestasse aos discípulos alguma nova presença de si mesmo mediante o Espírito. É um fato inquestionável que Cristo habita conosco e em nós por meio de seu Espírito; aqui, porém, ele fala do juízo final, quando por fim vier para congregar seus seguidores (CALVINO, 2015, p.91).

Por outro lado, Carson afirma que: “diferentemente de algumas outras passagens que apontam para a parúsia, esse texto focaliza o conforto a ser desfrutado pelos crentes na presença de Deus” (CARSON, 2007, p.490). No entanto, como introduzido no verso anterior, não há inconsistência nas ideias. Jesus voltaria para tomá-los para si. Isto aconteceria logo após a sua morte e ressurreição e inauguraria uma nova realidade logo após o pentecostes. No entanto, esta nova realidade espera a sua consumação no juízo final. Aqui, portanto, Jesus está falando de uma realidade que se inicia com sua morte e finaliza com seu retorno final (WIERSBE, 2006, p.451).

*A fim de que estejam no mesmo lugar que eu* – É interessante observar que João não usa para as palavras de Jesus o futuro do presente, mas o próprio presente do indicativo (*a fim de que estejam no mesmo lugar que eu*). Para João Alves, “a linguagem não sugere a projeção de um lugar onde Jesus estaria com seus discípulos, mas de um estado ou situação em que ele já se encontrava e no qual seus discípulos também se encontrariam em breve” (SANTOS, 2011, p.62). Jesus iria, como afirmou, mas estaria próximo, atendendo a cada um naquilo que pedissem em oração e o Pai seria glorificado no Filho. Isto é fato, mas também é verdadeira a compreensão de que isto é apenas uma fase. O próprio João Alves vai considerar isto, quando afirma que Jesus estava se referindo tanto ao futuro próximo quanto ao distante (SANTOS, 2011, p.67). Bem sabemos, à luz do exposto nas Sagradas Escrituras, que o Espírito Santo é o Espírito da promessa, “o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade” (Ef 2.14). Não é inconsistente, portanto, entender a promessa desta perícopes se estendendo até a segunda volta de Jesus, quando ele finalmente cumprirá sua promessa de nos juntar a ele.

#### **2.4.4 Verso 14.4**



*E para onde eu vou, vocês têm conhecido o caminho* – Mesmo diante de toda a inquietação observada nos discípulos, Jesus afirma que eles bem conheciam o caminho para onde ele estava indo.

Aqui, mais uma vez é preciso pensar no dualismo do significado do “lugar” dando o sentido exato do que Jesus pretendia. Por um lado, não deixa de significar a cruz, mas por outro, se concretiza a significar o próprio Pai. Ele estava indo para a cruz que conduzia ao Pai. Sendo assim, eles já tinham a revelação exata do lugar, pois Jesus era “o resplendor da glória e a expressão exata” do Pai (Hb 1.3).

Além de ser a revelação do “lugar”, Jesus também era o próprio caminho. Jesus volta à base inicial do conforto. A fé depositada nele como provedor da segurança é o próprio “caminho” para o Pai<sup>62</sup>.

## **2.5 A mensagem do texto para aqueles discípulos**

A despeito do grande envolvimento dos discípulos com o ministério de Jesus, a perícopes está envolvida numa série de revelações que estavam descortinando um mundo novo aos discípulos de Jesus.

Eles tinham uma expectativa muito diferente daquilo que o Senhor estava de fato realizando. À medida que os acontecimentos se desenrolavam, a situação ia ficando mais clara e desesperadora.

O anúncio que estava sendo feito era inusitado e inesperado. Não tinham planejado, nem mesmo imaginado, a morte do mestre e muito menos de forma tão prematura. Quando Jesus começou a prepará-los para esse tempo, Pedro, chamando-o à parte, chegando a reprová-lo dizendo: “tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá” (Mt 16.22).

Os eventos estavam agora se precipitando. Jesus estava falando de forma mais enfática. Havia, portanto, muitos motivos para os discípulos estarem com o coração agitado. O discurso do mestre era realmente assustador.

O próprio Senhor já tinha demonstrado um espírito angustiado, pois estava revelando um traidor entre eles. Estava anunciando ir para um lugar misterioso onde

---

62 Este verso serve como elo de ligação com a próxima perícopes, quando o Senhor esclarecerá o que para Tomé ainda estava obscuro – “eu sou o caminho...” (Jo 14.6). Ao registrar o questionamento de Tomé, João não está fazendo uma declaração de equívoco por parte de Jesus ao avaliar seus discípulos. O assunto da perícopes seguinte vai asseverar que, “precisamente porque eles o conhecem, eles *sem dúvida* conhecem o caminho para o lugar que Jesus acaba de descrever”, pois ele mesmo é o caminho (CARSON, 2007, p. 490).

ninguém poderia segui-lo. Ao reagir, Pedro recebe a terrível informação de que ele não iria manter seu arrojo por muito tempo, mas iria negar o mestre. Estavam intranquilos e confusos.

Em toda esta situação, Jesus estava trazendo um grande conforto ao coração dos discípulos. Como os cansados peregrinos encontram descanso à sombra do templo de Jerusalém, seus discípulos encontrariam abrigo na presença do Deus de toda a glória através de sua morte e ressurreição. Ele se tornaria o verdadeiro templo espiritual (HULL, 1983, p. 385).

A dificuldade maior em que os discípulos estavam envolvidos não era saber acerca do futuro após a morte. Havia algo mais imediato. Após a morte do Senhor, eles ficariam sozinhos. Esta morte (a morte do Senhor) estava longe de significar vitória. Era uma derrota evidente. Toda a expectativa que haviam criado estava prestes a se tornar em nada. Esta situação pode ser bem percebida e ilustrada nas palavras da multidão quando questionam a Jesus acerca do discurso de morte: “nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre, e como dizes tu ser necessário que o Filho do homem seja levantado? Quem é esse Filho do homem?” (Jo 12.34). A resposta de Jesus é confortadora, eles não estariam órfãos. Ele mesmo e o Pai estariam com eles na presença do Consolador que faria neles “morada”. Um tempo de escuridão se inauguraria, mas o Senhor lhes assegura que era um tempo passageiro (não no sentido de rápido, mas de certo). Afinal de contas, na casa do Pai há moradas suficientes para receber a todos no conforto da proteção celestial.

O maior conforto oferecido por Jesus está na conclusão da perícopre quando ele afirma: “e para onde eu vou, vós tendes conhecido o caminho”. Ele era o caminho.

## **2.6 A mensagem do texto para nosso tempo**

Nossos dias são cheios de desafios e incertezas. Como a igreja pode andar neste tempo na certeza de que Deus anda com ela? Como ela pode andar segura de que está no caminho certo? Esta perícopre trata do conforto necessário para que a igreja tenha uma vida autêntica na presença de Deus. Os tempos são difíceis sim, mas a fé que a igreja deposita em Jesus é suficiente para guardar o seu coração de todos os males. Em meio às incertezas da caminhada, Jesus nos lembra que a presença do Pai é gloriosa. Ele mesmo, em sua angústia, viveu a instabilidade: “agora está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora”

(Jo 12.27). A hora dele tinha chegado e com ela a hora da igreja se aproximava. A igreja haveria de trilhar um caminho de angústia, como Jesus trilhou.

O tempo “sem” Jesus, experimentado pelos discípulos imediatamente após a morte, ressurreição e ascensão do Senhor, se estende à igreja em todas as épocas. Este é o tempo em que aguardamos a consumação de todas as coisas, o tempo da peregrinação (I Pd 1.17). A esperança se torna a companheira da igreja neste momento. Enquanto os discípulos buscavam olhar para frente e encontrar o suporte necessário, nós (juntamente com eles, alguns dias depois daquelas palavras) olhamos para trás e entendemos o caminho de Cristo se estendendo diante de nós. Este é o “novo e vivo caminho que ele nos consagrou” (Hb 10.20). Ele nos conduziu para a cruz e nos levou para a “casa do Pai” que tem muitas moradas.

Esta perícopé apresenta o caminho da igreja enquanto caminha em tempos de incerteza e escuridão. É o consolo do Senhor que alcança os crentes de todas as épocas. O Senhor não promete nos livrar deste tempo tenebroso, mas nos garante que sua tarefa é nos conduzir durante todas as etapas de nossa caminhada com ele.

A morte de Jesus, contra todas as evidências aparentes, era a vitória do Senhor sobre a própria morte. Nossas experiências com ele durante a peregrinação terrena oferecem evidências aos nossos corações de que ele venceu a morte, o que nos garante que nele podemos um dia fazer o mesmo (HULL, 1983, p. 386). Para Segóvia, esta passagem “é uma mensagem de conforto e, acima de tudo, uma demanda de crença plena” (SEGOVIA, 1985, p. 482).

### **3. CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS**

Esta perícopé tem uma importância teológica que dificilmente poderia ser exagerada. Abaixo veremos, ainda que de forma rápida, as principais implicações para os principais ramos da teologia.

#### **3.1 Implicações para a Teologia Bíblica**

Esta passagem se ajusta perfeitamente no dualismo joanino (LADD, 1985, p. 209). Enquanto os evangelhos sinóticos apresentam um dualismo horizontal: a era presente e a era vindoura; o evangelho de João apresenta um dualismo vertical: o mundo de cima (superior) e o mundo de baixo (inferior). João está consciente de que Jesus inaugurou uma “nova era” que fora antecipada no Velho Testamento. Jesus é o cumprimento da

esperança messiânica que trouxe uma “invasão do mundo de cima em relação ao mundo de baixo” (LADD, 1985, p. 214), ou seja, é o mundo de cima que entra na história do mundo de baixo para restaurá-lo. Jesus é a luz que brilha nas trevas, pois este mundo é mal e tem o diabo como seu governante (Jo 12.31; 16.11).

Na teologia de João, a centralidade de Jesus na história da salvação é marcante. A salvação retrata a vitória do mundo de cima sobre o mundo de baixo. A morte de Jesus representa esta vitória. O tempo todo, a “hora” é enfatizada (2.4; 8.20; 12.23). “A hora da paixão, morte, ressurreição e ascensão de Jesus é apresentada como a hora culminante na longa história das ações de Deus em favor dos homens” (LADD, 1985, p. 216).

Esta hora havia chegado (12.23). Os filhos de Deus, que estavam dispersos, seriam reunidos em um só corpo (11.52). Esta reunião dos filhos de Deus enfrentaria as aflições “deste mundo”, mas deveria guardar seu coração de estar agitado. O coração do discípulo do Senhor deve se guardar na certeza de que este mundo foi vencido pelo Senhor que foi preparar um lugar na “casa do Pai”. As moradas na casa do Pai são, portanto, a manifestação final da vitória do mundo de cima sobre o mundo de baixo. Este texto representa toda a esperança que moveu a igreja por séculos. Jesus nos preparou um lugar na presença do Pai. Apesar das angústias do tempo presente, não somos moradores deste mundo. Nossa pátria se encontra nas moradas celestiais que só são realidade porque já nos encontramos restaurados na presença do Criador.

### **3.2 Implicações para a Teologia Sistemática**

Para o contexto da teologia sistemática as implicações também são significativas. Para Carson, ao relacionar Jesus com o Pai como um objeto apropriado de fé, o texto de Jo 14.1-4 está assumindo uma cristologia extremamente elevada (CARSON, 2007, p. 488). Certamente, o texto está retratando a divindade de Jesus ao destacar o elo entre Ele e o Pai – pois Jesus é aquele que além de falar as palavras de Deus, realiza os atos de Deus (Jo 5.19).

O texto também tem sua contribuição para a escatologia. Ainda que a vida eterna em João seja “apresentada usualmente como uma vida presente da escatologia realizada” (LADD, 1985, p. 217), nesta perícopes ela é apresentada como futura e escatológica. Jesus está indo, mas voltará. Cabe à igreja guardar seu coração da turbulência deste mundo em fé naquele que foi preparar morada.

Outra contribuição significativa é para a doutrina da providência. Na cruz, o Senhor proveu tudo aquilo que necessitamos para a vida eterna. Ele prometeu nos tomar para si e cuidar de nossas vidas enquanto caminhamos na peregrinação deste tempo presente.

### **3.3 Implicações para a Teologia Prática**

A vida cristã é profundamente impactada pela mensagem da perícopé. Não se pode viver neste mundo presente sem a confiança na promessa que Jesus faz. Este mundo apresenta sua resistência, mas o coração do crente está na casa do Pai aguardando tranquilamente o cumprimento de suas promessas.

A ideia de Deus habitar com os homens está presente desde a construção do tabernáculo. Com a encarnação, Jesus tornou isso uma realidade, pois “Deus escolheu habitar entre seu povo de uma forma ainda mais pessoal, na Palavra que se tornou carne” (CARSON, 2007, p. 128). Nesta passagem, as moradas de Deus são amplas, no sentido de que Deus está entre nós, habitando em nossos corações. Isto tem uma implicação incontestável na vida cristã. Não precisamos viver amedrontados ou sem esperança. O Senhor nos faz viver na certeza de que ele mesmo está conosco.

Outra implicação para a teologia prática é a consciência de que não somos deste mundo. Somos habitantes das moradas da casa do Pai. Não precisamos viver como este mundo vive. Devemos apresentar uma contracultura que reflita a natureza do mundo ao qual pertencemos.

## **CONCLUSÃO**

Esta passagem fala da vitória daqueles que peregrinam neste mundo e não pertencem a ele. A conclusão desta passagem é apontada pelo próprio Senhor quando conclui: “estas cousas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). A vitória nos foi alcançada quando o Senhor nos atraiu para si e nos deu morada na casa do Pai.

As moradas na casa do Pai são tanto uma referência ao lar celestial aguardado, quanto o gozo imediato do crente que contempla a presença do Pai pela fé. Jesus foi à cruz e levou consigo todos os crentes, tornando-se verdadeiro “templo espiritual”, no qual nos abrigamos e adoramos ao Deus Criador.

Como os discípulos que andaram com Jesus, estamos cumprindo nossa missão sob a pressão deste tempo presente. A mensagem deste texto é um conforto maravilhoso para esta igreja missionária. Ao mesmo tempo, como Jesus foi glorificado no cumprimento de sua missão, guardamos a esperança viva de um dia, finalmente, estarmos com ele nas moradas celestiais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**. Volumen I. Terrassa (Barcelona): Editorial CLIE, 1997.

BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. São Paulo – SP: Edições Vida Nova, 2004.

BROWN, Colin. **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Vol. IV. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.

CALVINO, João. **Evangelho segundo João** - vol. 2. São José dos Campos – SP: Fiel, 2015.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. São Paulo: Shedd Publicações Ltda, 2015.

DAVIDSON F. (org.). **O Novo Comentário da Bíblia**. 1ª ed. São Paulo – SP: Edições Vida Nova, 1997.

GOETZMANN, J. in BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1981.

HOLMES, M. W. *The Greek New Testament: SBL Edition* (Jo 14). Lexham Press; Society of Biblical Literature, 2011-2013.

HENDRIKSEN, William. João. **Comentário do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HULL, William E. João em ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. 2ª edição. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.

MOULTON, Harold K. **Léxico Grego Analítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

O'DAY, G. R. **Show Us The Father, And We Will Be Satisfied (John 14:8)**. Semeia. 85, 11, Jan. 1999.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico: gramática Fundamental**. São Paulo: Vida Nova, 2004.

SANTOS, João Alves dos. **Jesus e as moradas na casa do Pai: interpretando monai em João 14**. Fides Reformata, São Paulo, v. XVI, n. 1, p.49-70. 2011.

SEGOVIA, Fernando F. **The Structure, Tendens, and Sitz im Leben of John 13:31-14:31**. Journal of Biblical Literature, 104, 3, 471, Sept. 1985.

Strong's Concordance – 5015. Disponível em: <http://biblehub.com/greek/5015.htm>. Acesso em: 02/08/2022.

TAYLOR, W. C. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego** – gramática. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento: vol. I. Santo André** – SP: Geográfica Editora, 2006.